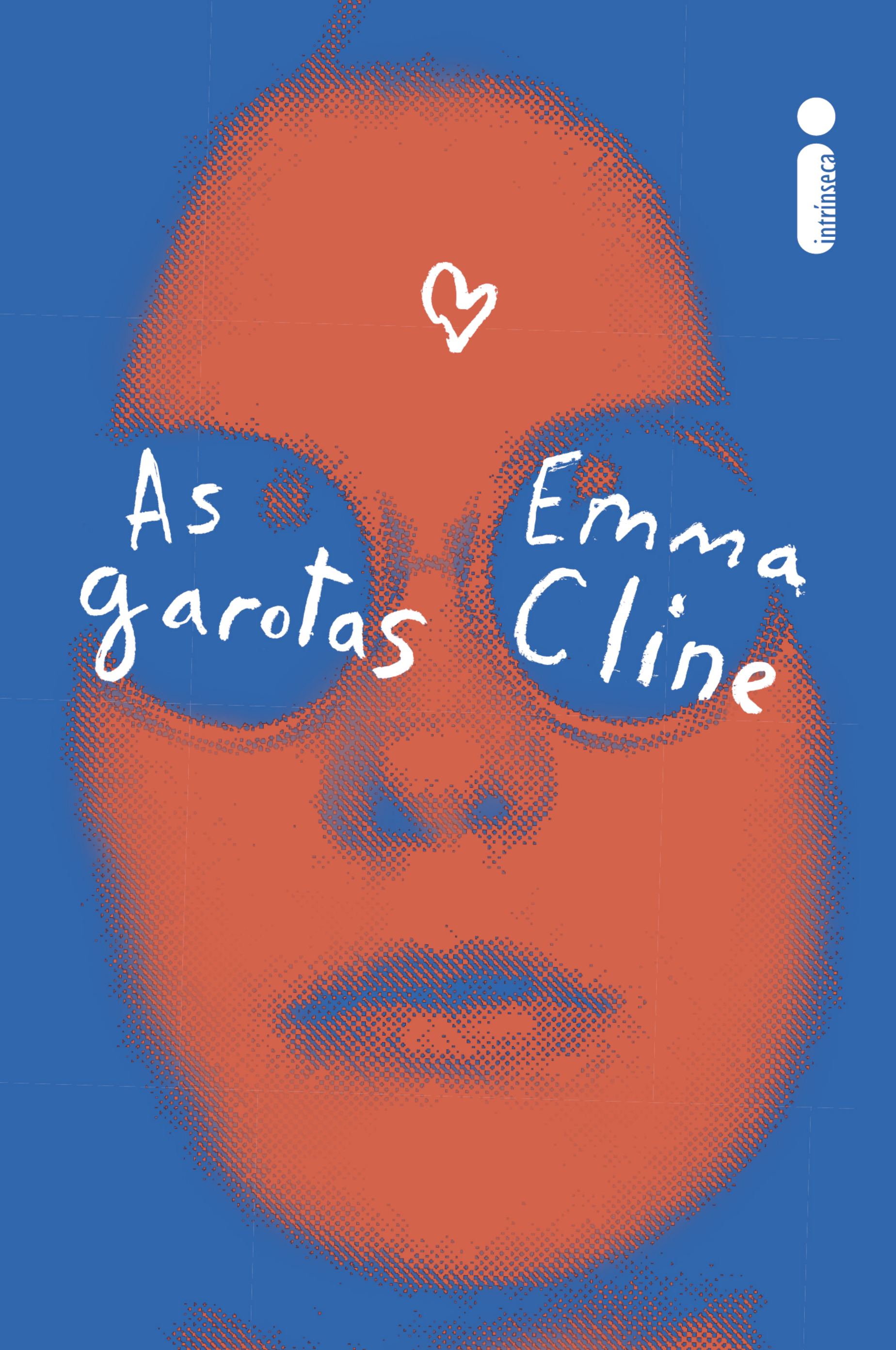
As garotas
Emma Cline
intrínseca

AS GAROTAS

EMMA CLINE

As garotas

TRADUÇÃO
Sergio Flaksman

Copyright © 2016 by Emma Cline

TÍTULO ORIGINAL
The Girls

PREPARAÇÃO
Juliana de Paiva Ferreira

REVISÃO
Taís Monteiro
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Peter Mendelsund

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C572g
Cline, Emma
As garotas / Emma Cline ; tradução Sergio Flaksman. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
336 p. ; 21 cm.

Tradução de: The girls
ISBN: 978-85-510-0135-6

1. Romance americano. 2. Ficção americana. I. Flaksman, Sergio. II. Título.

17-39037 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Olhei naquela direção por causa das risadas, e continuei olhando por causa das garotas.

Primeiro reparei nos cabelos, longos e despenteados. Depois nas bijuterias que usavam, brilhando ao sol. As três estavam tão longe que só consegui distinguir o contorno de seus traços, mas não me importei com isso — sabia que elas eram diferentes de todas as outras pessoas no parque. Famílias formando filas desordenadas, à espera de salsichas e hambúrgueres que assavam na grelha. Mulheres de blusas com estampa xadrez se aproximando dos namorados, meninos atirando botões de eucalipto nas galinhas de aparência selvagem que invadiam a área. Aquelas garotas de cabelo comprido pareciam pairar acima de tudo o que acontecia à volta delas, trágicas e distantes. Como uma família real no exílio.

Observei as garotas sem disfarçar, com uma expressão descaradamente perplexa: não me parecia possível que pudessem levantar os olhos na minha direção e reparar em mim. O hambúrguer

ficou esquecido no meu colo, o vento trazendo do rio um fedor de peixe. Era uma época na qual eu analisava e classificava outras garotas de imediato, calculando constantemente quanto eu deixava a desejar, e logo vi que a de cabelo preto era a mais bonita. Eu já esperava isso mesmo antes de discernir seus rostos. Ela tinha uma aura de quem pertence a outro mundo, com seu vestido sujo e largo que mal cobria a bunda. Vinha ladeada por uma ruiva magrela e uma garota mais velha, todas com roupas igualmente desleixadas. Como se recolhidas do fundo de um lago. Todos os anéis baratos formando um segundo conjunto de nós nos dedos. Estavam em um limiar instável, beleza e feiura ao mesmo tempo, e uma onda de atenção as seguiu pelo parque. Mães olhando em volta à procura dos filhos, movidas por algum sentimento que não sabiam definir. Mulheres pegando a mão dos namorados. O sol penetrava por entre as árvores, como sempre — os salgueiros sonolentos, o vento quente agitando as toalhas de piquenique —, mas o caráter familiar daquele dia foi perturbado pela passagem das garotas, rasgando o mundo real em seu trajeto. Graciosas e indiferentes como tubarões irrompendo na superfície do mar.

PARTE UM

Tudo começa com o Ford subindo devagar a rua estreita, o doce sussurrar das madressilvas deixando o ar de agosto mais espesso. As garotas no banco de trás de mãos dadas, as janelas do carro abertas para deixar o sereno noturno entrar. O rádio tocando até que o motorista, subitamente tenso, o desliga com um gesto brusco.

Escalam o portão, ainda adornado com lâmpadas natalinas. Encontram, primeiro, o silêncio profundo do chalé do caseiro, que tirava um cochilo de fim de tarde no sofá, os pés descalços acomodados lado a lado como dois pães. A namorada dele no banheiro, removendo dos olhos a maquiagem em formato de meia-lua.

Em seguida, a casa principal, onde dão um susto na mulher que está lendo no quarto de hóspedes. O copo d'água estremecendo na mesa de cabeceira, o algodão úmido de sua calcinha. O filho de cinco anos ao lado dela, murmurando palavras sem sentido para lutar contra o sono.

Elas fazem com que todos se reúnam na sala. O momento em que essas pessoas amedrontadas entendem que o doce cotidiano de suas vidas — o suco de laranja matinal, a curva fechada feita em uma bicicleta — já deixou de existir. Seus rostos mudam como se uma cortina se abrisse; por trás dos olhos, algo se destranca.

Eu havia imaginado aquela noite tantas vezes. A estrada íngreme e escura, o mar sem sol. Uma mulher caída no gramado noturno. E, embora os detalhes tivessem se anuviado com o passar dos anos, cobertos por novas camadas de pele, foram a primeira coisa que me veio à mente quando ouvi a fechadura sendo destrancada pouco antes da meia-noite.

O estranho na porta.

Aguardei que o som revelasse sua origem. O filho de um vizinho derrubando uma lata de lixo na calçada. Um cervo agitado no meio do mato. Só podia ser isso, pensei, aquele barulho distante em outra parte da casa, e tentei imaginar como aquele lugar tornaria a parecer inofensivo à luz do dia, tranquilo e a salvo de qualquer perigo.

Mas o barulho continuou, atravessando impetuosamente o limiar da vida real. Agora havia risos no outro cômodo. Vozes. O zumbido da geladeira ao ser aberta. Tentei achar alguma explicação, mas não conseguia parar de pensar no pior. No fim das contas, era assim que tudo acabaria. Encurralada na casa de outra pessoa, em meio aos fatos e hábitos da vida de outra pessoa. Minhas pernas nuas, riscadas por varizes — como eu pareceria fraca quando viessem atrás de mim, uma senhora de meia-idade encolhida em algum canto.

Continuei na cama, minha respiração curta enquanto eu fitava a porta fechada. Esperando os intrusos, os horrores que eu imaginava assumindo forma humana e povoando o cômodo, entendi que não haveria nenhum ato heroico. Só o terror embo-

tado, a dor física que precisaria ser suportada até o fim. Eu não tentaria fugir.

Só me levantei da cama depois de ouvir a garota. A voz dela era aguda e inócua. Mas isso não deveria ter sido reconfortante — Suzanne e as outras também eram garotas na época, e isso não tinha ajudado ninguém.

Eu estava morando numa casa emprestada. Os escuros ciprestes marítimos aglomerados fora da janela, a contração do ar salgado. Eu comia com a mesma avidez de quando era criança — um monte de espaguete coberto de queijo. O espasmo do refrigerante em minha garganta. Eu molhava as plantas de Dan uma vez por semana, levando cada uma delas até a banheira e segurando o vaso debaixo da torneira até que a terra molhada começasse a borbulhar. Mais de uma vez tomei banho com amontoados de folhas mortas no fundo da banheira.

Já gastara minha herança dez anos antes: o que restou dos filmes da minha avó — horas de filmagens dela sorrindo com seu sorriso de ave de rapina, os cachos cerrados como um chapéu. Eu tomava conta dos espaços que acomodavam as existências de outras pessoas, em cujas casas eu morava trabalhando como cuidadora. Cultivava uma invisibilidade educada em roupas assexuadas, meu rosto embaçado pela expressão agradável e ambígua de um enfeite de jardim. Essa parte agradável era importante, o truque mágico da invisibilidade, possível somente quando parecia assegurar a ordem correta das coisas. Como se fosse algo que eu também desejava. Eu cuidava de pessoas de vários tipos. Um menino com necessidades especiais que tinha medo de tomadas e sinais de trânsito. Uma senhora idosa que assistia a programas de entrevistas enquanto eu separava um pires inteiro de comprimidos, cápsulas de um cor-de-rosa claro que lembravam confeitos.

Quando meu último trabalho chegou ao fim e nenhum outro apareceu, Dan me ofereceu sua casa de férias — o gesto preocupado de um velho amigo —, como se eu estivesse fazendo um favor a ele. A claraboia inundava os cômodos com a luz brumosa de um aquário, a madeira dilatando e inchando com a umidade. Como se a casa estivesse respirando.

A praia não era muito frequentada. Fria demais, sem ostras. A única estrada que cruzava a cidade era ladeada por trailers estacionados em grandes lotes — o ruído de cata-ventos à brisa, varandas abarrotadas de boias e coletes salva-vidas desbotados, os ornamentos de gente humilde. Às vezes eu fumava um pouco da maconha penugenta e de cheiro forte do meu antigo senhorio, depois ia andando até a loja na cidade. Uma tarefa que eu era capaz de realizar, tão bem definida quanto lavar um prato. Ou estava sujo ou estava limpo, e esses estados binários me eram bem-vindos, a maneira como alicerçavam o dia.

Raramente deparava com alguém. Os poucos adolescentes da cidade pareciam se matar de formas horrivelmente rurais — ouvi histórias de acidentes de picape às duas da manhã, de uma festa do pijama em um trailer que terminou em intoxicação por monóxido de carbono e matou um jogador de futebol americano. Eu não sabia se a raiz desse problema era a vida no interior, o excesso de tempo, o tédio e os veículos recreativos, ou se era algo próprio da Califórnia: alguma característica da luz local que estimulava o risco e as proezas cinematográficas idiotas.

Eu jamais havia entrado no mar. Uma garçonete da cafeteria tinha me contado que aquela era uma área de acasalamento de tubarões-brancos.

Eles ergueram os olhos das fortes luzes da cozinha, como guaxinins flagrados no meio do lixo. A garota deu um grito. O rapaz se levantou, alto e magrelo. Só havia os dois. Meu coração batia

forte, mas eram tão jovens — e deviam ser habitantes locais, imaginei, invadindo as casas de veraneio. Eu não ia morrer.

— Que porra é essa?

O rapaz deixou de lado sua garrafa de cerveja, a garota colada nele.

Ele aparentava ter uns vinte anos e usava uma bermuda cheia de bolsos. Meias brancas altas, acne rosada por baixo de uma barba fina. Mas a menina era uma criaturinha minúscula. Quinze ou dezesseis anos, pernas pálidas com um leve toque de azul.

Tentei reunir toda a autoridade possível enquanto puxava a barra da minha camiseta até as coxas. Quando eu disse que ia chamar a polícia, o rapaz riu com desdém.

— Vá em frente. — Ele envolveu a garota com o braço. — Ligue para a polícia. Quer saber? — Pegou o celular do bolso. — Foda-se, eu mesmo ligo.

O aperto de medo no meu peito se dissolveu de repente.

— Julian?

Senti vontade de rir. Da última vez que o vira, ele tinha treze anos, era magrelo e ainda informe. O filho único de Dan e Allison. Mimado, levado de carro às competições de violoncelo por todo o oeste dos Estados Unidos. Um professor particular de mandarim às quintas-feiras, pão integral e vitaminas mastigáveis, muros que os pais ergueram para protegê-lo do fracasso. Nada disso dera certo, e ele tinha ido parar em uma universidade qualquer em Long Beach ou Irvine. Lembrei que houvera algum problema lá. Expulsão, ou talvez uma versão mais atenuada disso, uma sugestão de fazer um ano de curso pré-universitário. Julian fora um menino tímido e irritável, avesso a rádios de carro e comidas desconhecidas. Agora sua silhueta era angulosa, tatuagens parcialmente visíveis sob a camisa. Não se lembrava de mim, e por que deveria se lembrar? Eu era uma mulher fora do raio de suas atenções eróticas.

— Estou passando umas semanas aqui — falei, consciente de minhas pernas expostas e envergonhada por todo aquele melodrama, a menção à polícia. — Sou amiga do seu pai.

Pude ver o esforço que ele fazia para se lembrar de mim, atribuir algum significado à minha pessoa.

— Evie — falei.

Nada.

— Eu morava num apartamento em Berkeley. Do lado da casa do seu professor de violoncelo.

Dan e Julian às vezes me visitavam depois das aulas dele. Julian tomava com gosto um copo de leite e arranhava as pernas da minha mesa com pontapés robóticos.

— Ah, merda — disse ele. — É claro.

Eu não sabia dizer se ele realmente tinha se lembrado de mim ou se a quantidade de detalhes que invoquei havia sido suficiente para acalmá-lo.

A garota se virou para Julian, o rosto inexpressivo como uma colher.

— Está tudo bem, amor — afirmou ele, beijando-lhe a testa.

Uma ternura inesperada.

Julian sorriu para mim e percebi que estava bêbado, ou talvez só chapado. As feições dele estavam oleosas, uma umidade doentia na pele, mas mesmo assim os bons modos de alguém criado na classe alta vieram à tona instintivamente, como um idioma materno.

— Esta é a Sasha — disse ele, dando um empurrãozinho na garota.

— Oi — piou ela, encabulada.

Eu tinha esquecido aquela característica apalermada das adolescentes: o desejo pelo amor tão patente no rosto dela que me deixava constrangida.

— E, Sasha — disse Julian —, esta é...

Os olhos dele se esforçavam para fazer meu rosto entrar em foco.

— Evie — lembrei-o.

— Isso — disse ele. — Evie. Caramba.

Ele tomou um gole da cerveja, a garrafa âmbar refletindo as lâmpadas fortes. Julian estava olhando para além de mim. O olhar percorria a mobília, o conteúdo das prateleiras de livros, como se a casa fosse minha e o forasteiro fosse ele.

— Meu Deus, você deve ter achado que a gente estava, tipo, invadindo a casa ou alguma coisa assim.

— Achei que vocês fossem da região.

— Uma vez teve uma invasão aqui — disse Julian. — Quando eu era criança. A gente não estava em casa. Só roubaram as roupas de mergulho e um monte de mariscos do congelador.

Tomou mais um gole.

Sasha mantinha o olhar em Julian. Usava um shortinho jeans, o traje errado para o frio do litoral, e um suéter grande demais, que devia ser dele. As pontas das mangas puídas e parecendo molhadas. A maquiagem dela estava horrível, mas imagino que servisse mais como um símbolo. Pude ver que meu olhar a deixava nervosa. Entendi a preocupação. Na idade dela, eu não sabia direito como me mexer, se estava andando depressa demais, se as outras pessoas percebiam meu desconforto e minha rigidez. Como se, o tempo inteiro, todo mundo estivesse avaliando meu desempenho e concluindo que eu deixava a desejar. Ocorreu-me que Sasha era muito nova. Nova demais para estar ali com Julian. Ela parecia saber o que eu estava pensando, me fitando com um surpreendente ar de desafio.

— Sinto muito que o seu pai não tenha contado para você que eu estaria aqui — falei. — Posso dormir no outro quarto, se você quiser ficar com a cama maior. Ou, se vocês quiserem ficar aqui sozinhos, eu dou um jeito de...

— Não precisa — respondeu Julian. — Sasha e eu podemos dormir em qualquer lugar, não é, amor? A gente está só de passagem. Indo para o norte. Para buscar uma erva — falou. — Eu faço essa viagem de Los Angeles até Humboldt pelo menos uma vez por mês.

Ocorreu-me que Julian achou que eu ficaria impressionada.

— Eu não trafico nem nada — continuou ele, mais hesitante. — Só cuido do transporte. Na verdade, a pessoa só precisa de umas sacolas à prova d'água e um rádio que pegue a frequência da polícia.

Sasha parecia preocupada. Será que eu causaria problemas para eles?

— De onde você conhece o meu pai mesmo? — perguntou Julian, terminando sua cerveja e abrindo outra.

Eles tinham trazido alguns engradados. As outras provisões à vista: potinhos com mix de castanhas, misturadas como cascalho, um pacote ainda fechado de balinhas azedas em formato de minhoca, o papel amassado de uma sacola velha de fast-food.

— A gente se conheceu em Los Angeles — respondi. — E morou junto por um tempo.

Dan e eu dividimos um apartamento em Venice Beach no fim dos anos 1970, Venice com seus becos de terceiro mundo, as palmeiras batendo nas janelas, impelidas pelo vento morno da noite. Eu me sustentava com o dinheiro que minha avó tinha ganhado com filmes e estudava para obter um diploma de enfermagem. Dan tentava engatar uma carreira de ator. Nunca conseguiria. Em vez disso, ele se casaria com uma mulher que tinha algum dinheiro de família e abriria uma empresa de comida vegetariana congelada. Agora era proprietário de uma casa em Pacific Heights, construída antes do terremoto de São Francisco.

— Ah, peraí, a amiga dele de Venice? — De repente Julian pareceu mais concentrado. — Como é mesmo o seu nome?

— Evie Boyd — respondi, e a expressão que surgiu de repente no rosto dele me surpreendeu: em parte reconhecimento, mas também um genuíno interesse.

— Peraí — repetiu. Afastou o braço da garota e ela pareceu enfraquecida pela ausência dele. — Você é aquela moça?

Talvez Dan tivesse contado a ele como as coisas tinham ido ladeira abaixo para mim. Essa ideia me deixou constrangida, e levei a mão ao rosto por reflexo. Um hábito ridículo da adolescência, a maneira como eu escondia uma espinha. A mão levada ao queixo, meus dedos mexendo casualmente nos lábios. Como se isso não atraísse ainda mais a atenção, tornando tudo pior.

Agora Julian tinha se animado.

— Ela fez parte daquele culto — contou ele à garota. — Não é? — perguntou, virando-se para mim.

Um buraco de pavor se abriu em meu estômago. Julian continuava olhando para mim, cheio de expectativa. Sua respiração rápida e arrítmica.

Eu tinha quatorze anos naquele verão. Suzanne tinha dezenove. Havia um incenso que o grupo queimava às vezes e que nos deixava sonolentas e complacentes. Suzanne lia em voz alta uma edição antiga da *Playboy*. As polaroides obscenas e luminosas que escondíamos e trocávamos como figurinhas de beisebol.

Eu sabia como era fácil ele aparecer, esse passado sempre acessível, como o inevitável lapso cognitivo de uma ilusão de ótica. O tom de um dia conectado a algum item específico: o lenço de chiffon da minha mãe, a umidade de uma abóbora cortada. Sombras projetadas em formatos familiares. Mesmo o reflexo brilhante do sol no capô de um carro branco podia causar um transe momentâneo em mim, permitindo um breve retorno. Eu já tinha visto bastões do antigo brilho labial da Yardley — a maquiagem agora só uma cera esfarelada — sendo vendidos por quase cem dólares na internet. Para que mulheres adultas pudessem sentir

de novo o cheiro, aquele aroma químico de flores. O desejo das pessoas chegava a esse ponto — a vontade de ter certeza de que suas vidas tinham *de fato* acontecido, de que a pessoa que um dia haviam sido continuava a existir dentro delas.

Eram tantas coisas que voltavam a mim... O cheiro forte de soja, odor de fumaça no cabelo de alguém, as colinas cobertas de grama que se alouravam em junho. A disposição de carvalhos e pedras, vislumbrada de canto de olho, tinha o poder de abrir algo em meu peito, o suor de adrenalina molhando de repente as palmas das minhas mãos.

Esperei que Julian demonstrasse aversão, talvez até medo. Seria a reação lógica. Mas fiquei confusa com a maneira como ele me olhava. Com uma espécie de admiração maravilhada.

Sem dúvida o pai dele tinha contado tudo. O verão naquela casa caindo aos pedaços, os garotinhos queimados de sol. Na primeira vez que eu tentara contar tudo a Dan, numa noite em Venice em que a queda de energia havia trazido uma intimidade apocalíptica à luz de velas, ele caíra na risada. Confundindo o tom sussurrante da minha voz com alguma sugestão de hilaridade. Mesmo depois que convenci Dan de que estava dizendo a verdade, ele continuou a falar do rancho naquele mesmo tom escrachado de paródia. Como um filme de terror com efeitos especiais ruins, o microfone aparecendo em quadro toda hora e transformando a chacina em comédia. E era um alívio exagerar a minha distância dos fatos, embalando meu envolvimento no embrulho bem-acabado de uma anedota.

O fato de eu não ter sido mencionada na maioria dos livros ajudava. Nem mesmo nas brochuras com o título escorrendo sangue e as páginas brilhosas cheias de fotos da cena do crime. Nem no livro menos popular, porém mais preciso, escrito pelo principal promotor envolvido no caso — rico em pormenores repulsivos, chegando até mesmo ao espaguete não digerido encontrado

no estômago do garotinho. As poucas linhas que mencionavam meu nome estavam enterradas em uma obra fora de catálogo escrita por um ex-poeta, e mesmo assim ele tinha errado a grafia e não fizera qualquer conexão entre mim e minha avó. O mesmo poeta também afirmou que a CIA estava produzindo filmes pornôs estrelados por Marilyn Monroe sob o efeito de drogas, filmes vendidos para políticos e chefes de Estado estrangeiros.

— Foi há muito tempo — expliquei a Sasha, mas a expressão dela estava imperturbável.

— Mesmo assim — disse Julian, animando-se. — Sempre achei que foi lindo. Doentio, mas lindo. Uma forma de expressão fodida da cabeça, mas ainda assim uma forma de expressão, sabe. Um impulso artístico. A gente precisa destruir para conseguir criar, toda essa porra que os hinduístas dizem. — Pude ver que ele estava confundido meu choque aturdido com aprovação. — Meu Deus, não consigo nem imaginar — continuou. — Estar mesmo no meio de uma coisa assim.

Ele ficou esperando minha reação. Eu estava tonta com a emboscada das luzes da cozinha: será que eles não notavam que o cômodo estava iluminado demais? Até me perguntei se a garota era mesmo bonita. Os dentes dela tinham um tom amarelado.

Julian a cutucou com o cotovelo.

— A Sasha nem sabe do que a gente está falando.

A maioria das pessoas conhecia pelo menos um dos detalhes macabros. Estudantes universitários às vezes se fantasiavam de Russell no Halloween, encharcando as mãos com o ketchup que haviam pegado do refeitório. Uma banda de *black metal* usara o coração na capa de um disco, o mesmo coração enrugado que Suzanne desenhara na parede de Mitch. Com o sangue da mulher. Mas Sasha me parecia tão jovem — por que teria ouvido falar daquilo? E por que se importaria? Estava perdida naquela certeza profunda de que nada existia além de sua própria experiência.

Como se as coisas só pudessem acontecer de um único modo, os anos conduzindo você por um corredor até a sala onde o seu inevitável eu aguarda — embrionário, pronto para ser revelado. Como era triste perceber que às vezes você não chega lá. Que às vezes você vive uma vida inteira só arranhando a superfície enquanto os anos passam, estéreis.

Julian acariciou o cabelo de Sasha.

— Foi um puta acontecimento. Umas pessoas no condado de Marin assassinadas por um bando de hippies.

O calor no rosto dele era familiar. O mesmo fervor daquelas pessoas que frequentavam os fóruns on-line que pareciam nunca sossegar ou morrer. Competiam pela liderança, adotando o mesmo tom de conhecimento profundo, um verniz de erudição mascarando a morbidez dos fatos. O que estavam procurando em meio a todas as banalidades? Como se fizesse alguma diferença se chovia ou fazia sol naquele dia. As menores migalhas pareciam importantes quando consideradas por tempo suficiente: a estação em que o rádio na cozinha de Mitch estava sintonizado, o número e a profundidade das facadas. Como as sombras teriam tremeluzido naquele carro específico subindo aquela rua específica.

— Eu só andei com eles por alguns meses — falei. — Não foi nada de mais.

Julian pareceu decepcionado. Imaginei a mulher que ele via quando olhava para mim: o cabelo desgrenhado, as marcas de preocupação ao redor dos olhos.

— Mas, sim — falei —, eu ficava bastante por lá.

Essa resposta me trouxe de volta com força ao interesse dele.

E então deixei o momento passar.

Não contei a ele que preferia nunca ter conhecido Suzanne. Que preferia ter ficado em segurança no meu quarto nas montanhas secas perto de Petaluma, as prateleiras repletas com meus livros de infância favoritos, suas lombadas enfeitadas a ouro. E de

fato eu desejava isso. Mas havia noites em que, incapaz de dormir, eu descascava lentamente uma maçã à beira da pia, deixando a espiral se encompridar sob o brilho da faca. A casa toda escura à minha volta. E às vezes a sensação não era de arrependimento. Era de saudade.

Julian enxotou Sasha para o outro quarto como um pacífico pastor de cabras. Perguntando se eu precisava de alguma coisa antes de me dar boa-noite. Fiquei surpresa — ele me lembrava dos rapazes da escola que sempre pareciam mais bem-educados e funcionais quando drogados. Lavando diligentemente a louça do jantar de família enquanto suas mentes viajavam, hipnotizados pela magia psicodélica do sabão.

— Durma bem — disse Julian, fazendo uma pequena reverência de gueixa antes de fechar a porta.

Os lençóis da minha cama estavam bagunçados, a sensação de medo ainda pairando no quarto. Como fui ridícula. Ficando tão assustada. Mas mesmo a surpresa de haver gente inofensiva na casa me perturbava. Eu não queria minha podridão interior exposta, nem por acidente. Viver sozinha era assustador assim. Ninguém para policiar o que extravasou de você, as maneiras como você deixou transparecer seus desejos primitivos. Como um casulo construído à sua volta, feito de suas próprias propensões desnudas e jamais ajustado aos padrões da real vida humana.

Eu ainda estava alerta, e foi preciso me esforçar para relaxar, para controlar minha respiração. A casa era um lugar seguro, eu disse a mim mesma, eu estava bem. De repente me pareceu ridículo aquele encontro desajeitado. Através da parede fina, eu podia ouvir os sons de Sasha e Julian acomodando-se no outro quarto. O piso rangendo, portas de armário sendo abertas. Estavam provavelmente forrando com lençóis o colchão nu. Sacudindo anos

de poeira acumulada. Imaginei Sasha examinando as fotos de família na prateleira, Julian ainda bebê segurando um gigantesco telefone vermelho. Julian aos onze ou doze anos, em um barco para ver baleias, seu rosto salpicado de sal e maravilhado. Ela estava provavelmente projetando toda aquela inocência e doçura no homem quase adulto que tirou a bermuda e deu tapinhas na cama, convidando a garota para se deitar. Os resquícios borrados de tatuagens amadoras ao longo dos braços dele.

Ouvi o rangido do colchão.

Não fiquei surpresa que fossem transar. Mas aí veio a voz de Sasha, gemendo como num filme pornô. Aguda e estridente. Eles não sabiam que eu estava no quarto ao lado? Virei-me de costas para a parede, fechando os olhos.

Julian grunhindo.

— Você é uma vadia? — perguntou ele.

A cabeceira da cama batia na parede.

— Você é?

Eu viria a pensar, depois, que Julian devia estar ciente de que eu podia ouvir tudo.

1969

1

Era o fim dos anos 1960, ou o verão antes do fim, e era essa a sensação, de um verão sem fim e sem forma. O Haight povoado de membros da Igreja do Processo do Juízo Final, vestidos de branco e distribuindo seus panfletos impressos em papel cor de aveia, os jasmins ao longo das estradas florescendo especialmente fortes e abundantes naquele ano. Todo mundo era saudável, bronzeado e cheio de enfeites, e, se você não fosse assim, isso também era significativo — você podia ser uma espécie de criatura lunar, chiffon cobrindo as cúpulas dos abajures, numa dieta digestiva de *kitchari* que manchava de cúrcuma todos os seus pratos.

Mas isso tudo estava acontecendo num outro lugar, não em Petaluma, com suas casas de rancho com telhados baixos, a carroça coberta perpetuamente estacionada diante do restaurante Hi-Ho. As faixas de pedestre chamuscadas pelo sol. Eu tinha quatorze anos, mas parecia muito mais jovem. As pessoas gostavam de dizer isso para mim. Connie jurava que eu podia passar por

dezesseis, mas nós contávamos muitas mentiras uma para a outra. Éramos amigas desde antes do ensino médio, Connie sempre me esperando do lado de fora das salas de aula, paciente como um bovino, toda a nossa energia dedicada à encenação daquela amizade. Ela era rechonchuda, mas não se vestia como se fosse; usava blusas curtas de algodão com bordados mexicanos, saias justas demais que produziam um sulco enraivecido no alto de suas coxas. Eu sempre havia gostado dela de um modo que não me obrigava a refletir sobre isso: era um fato, como a existência de minhas próprias mãos.

Em setembro, eu seria mandada para o mesmo internato onde minha mãe tinha estudado. Construíram um campus bem-cuidado em torno de um antigo convento em Monterey, com gramados lisos em um suave declive. Farrapos de neblina pela manhã, breves indícios da proximidade da água salgada. Era uma escola só para meninas, e eu teria que usar uniforme — sapatos de salto baixo e nada de maquiagem, blusa de marinheiro com um laço azul-marinho no pescoço. Era uma área de confinamento de verdade, cercada por um muro de pedra e povoada por garotas insossas de rostos redondos. Escoteiras da organização Camp Fire e meninas de instituições de pedagogia mandadas para aprender a taquigrafar cento e sessenta palavras por minuto. Para fazer promessas entusiasmadas e sonhadoras de serem madrinhas umas das outras em casamentos no hotel Royal Hawaiian.

Minha partida iminente forçou uma distância inédita em minha amizade com Connie. Eu havia começado a notar certas coisas, quase contra a minha vontade. Connie dizendo: "A melhor maneira de superar uma pessoa é ficar com outra", como se nós duas fôssemos vendedoras de loja em Londres em vez de adolescentes sem experiência vivendo na área rural do condado de Sonoma. Lambíamos pilhas para sentir um choque metálico na língua, que os boatos diziam ser o equivalente a um dezoito avos

de um orgasmo. Doía imaginar como essa nossa dupla era vista pelos outros, marcadas como o tipo de meninas que pertenciam uma à outra. As assexuadas, clichês do ensino médio.

Todo dia, depois da escola, enveredávamos sem dificuldade pela trilha já familiar das nossas tardes. Desperdiçando horas em alguma tarefa trabalhosa: seguindo a sugestão de Vidal Sassoon de usar ovos crus batidos para fortalecer os cabelos ou tirando cravos com a ponta esterilizada de uma agulha de costura. O projeto em andamento de nossos eus de menina parecia requerer atenções estranhas e precisas.

Como adulta, me pergunto a quantidade de tempo que desperdicei. A fartura e a escassez que nos ensinavam a esperar do mundo, as contagens regressivas das revistas, que insistiam que começássemos a nos preparar para o primeiro dia de escola com trinta dias de antecedência.

Dia 28: aplique uma máscara facial de abacate e mel.

Dia 14: teste a maquiagem que pretende usar em vários tipos de luz (natural, escritório, fim de tarde).

Naquela época, eu estava focada demais em receber atenção. Eu me vestia para provocar amor, puxando meu decote mais para baixo, ostentando no rosto um olhar distante aonde quer que fosse, o que insinuava muitos pensamentos profundos e promissores, para o caso de alguém olhar na minha direção. Quando criança, uma vez participei de uma exposição canina com fins de caridade, e desfilei segurando um belo *collie* pela coleira, uma bandana de seda em volta do pescoço dele. Fiquei tão empolgada com aquela performance consentida, com a maneira como eu abordava desconhecidos e deixava-os admirarem o cão, meu sorriso tão indulgente e constante quanto o de uma vendedora; e como me senti vazia quando o desfile acabou e ninguém precisava mais olhar para mim.

Eu ficava à espera de que me dissessem o que eu tinha de bom. E mais tarde me perguntei se não era por isso que no rancho

tinha tantas mulheres a mais do que homens. Todo aquele tempo que eu gastara me preparando, os artigos que me ensinavam que a vida era, na verdade, só uma sala de espera até que alguém reparasse em você — os rapazes haviam gastado esse tempo tornando-se eles mesmos.

Aquele dia no parque foi a primeira vez que vi Suzanne e as outras. Eu tinha ido até lá de bicicleta, me orientando pela fumaça que saía da churrasqueira. Ninguém falou comigo a não ser o homem que pressionava os hambúrgueres contra o metal da grelha, produzindo um chiado úmido e monótono. As sombras dos carvalhos moviam-se pelos meus braços nus, minha bicicleta inclinada na grama. Quando um rapaz mais velho usando um chapéu de caubói trombou comigo, andei mais devagar de propósito para que ele esbarrasse em mim de novo. O tipo de flerte que Connie usaria, praticado como uma manobra militar.

— Qual é o seu problema? — murmurou ele.

Abri a boca para pedir desculpas, mas o rapaz já estava se afastando. Como se soubesse que não precisava ouvir nada que eu fosse lhe dizer.

O verão se escancarava à minha frente — o dissipar dos dias, a marcha das horas, minha mãe rondando a casa de forma casual como se fosse uma desconhecida. Eu falara com o meu pai algumas vezes ao telefone. E me pareceu que havia sido doloroso para ele também. Ele me fizera perguntas estranhamente formais, como um tio distante que só conhecia uma série de fatos de segunda mão a meu respeito. Evie tem quatorze anos, Evie é baixinha. Os silêncios entre nós teriam sido melhores se fossem tingidos de tristeza ou arrependimento, mas era pior — dava para ouvir quão feliz ele estava por ter ido embora.

Sentei-me sozinha num banco, com guardanapos abertos sobre os joelhos, e comi meu hambúrguer.

Era a primeira vez em muito tempo que eu comia carne. Minha mãe, Jean, parara de comer carne havia quatro meses, desde o divórcio. Parara de fazer muitas coisas. Não havia mais a mãe que se assegurava de que eu comprasse roupas íntimas novas a cada estação, a mãe que enrolava minhas meias soquete brancas como se fossem delicadas como ovos. Que costurara pijamas iguais aos meus para as minhas bonecas, inclusive com os mesmos botões de pérola. Estava pronta para cuidar da própria vida com a avidez de uma colegial resolvendo um problema difícil de matemática. Sempre que tinha um momento livre, alongava-se. Erguendo-se nas pontas dos pés para exercitar as panturrilhas. Acendia incensos que vinham embrulhados em papel-alumínio e faziam meus olhos lacrimejarem. Começou a tomar um chá novo, feito de alguma casca de árvore aromática, andava pela casa arrastando os pés e tomando pequenos goles, acariciando a garganta distraidamente, como quem se recupera de uma longa doença.

O mal-estar era vago, mas a cura era específica. As novas amigas sugeriram massagens. Sugeriram as águas salgadas de tanques de privação sensorial. O uso de eletropsicômetros, Gestalt terapia, comer apenas alimentos ricos em minerais plantados durante a lua cheia. Não pude acreditar que minha mãe seguiu aqueles conselhos, mas ela dava ouvidos a todo mundo. Louca por um alvo, um plano, acreditando que a resposta poderia vir de qualquer direção, a qualquer momento, se ela ao menos se esforçasse o suficiente.

E ela buscou até só restar a própria busca. O astrólogo em Alameda que a fez chorar quando falou da sombra desfavorável projetada pelo ascendente dela. As terapias que envolviam se lançar num quarto de paredes almofadadas e cheio de desconhecidos e sair rodopiando até esbarrar em alguma coisa. Ela voltou para casa com manchas indistintas na pele, hematomas que iam mudando para uma vívida cor de carne. E eu a vi tocar

os machucados com uma expressão próxima da afeição. Quando se deu conta de que eu estava olhando, enrubesceu. Tinha acabado de descolorir os cabelos, que fediam a produtos químicos e rosas artificiais.

— Você gostou? — perguntou ela, alisando com os dedos as pontas cortadas.

Eu assenti, embora a cor fizesse a pele dela parecer acometida por icterícia.

Ela continuava mudando, dia após dia. Pequenas coisas. Comprava brincos artesanais das mulheres em seu grupo de apoio para melhorar a expressão das emoções, voltava para casa com pedaços primitivos de madeira pendendo das orelhas, pulseiras esmaltadas da cor de pastilhas de hortelã chacoalhando nos pulsos. Começou a contornar os olhos com um lápis delineador que ela esquentava na chama de um isqueiro. Girava a ponta até que ficasse mole e ela pudesse traçar riscos em cada olho, fazendo-a parecer sonolenta e egípcia.

Parou na minha porta antes de sair à noite, vestia uma blusa vermelho-tomate que deixava seus ombros à mostra. Ela ficava puxando as mangas para baixo. Os ombros estavam salpicados de purpurina.

— Quer que eu pinte os seus olhos também, querida?

Mas eu não tinha para onde ir. Quem se importaria se meus olhos parecessem maiores ou mais azuis?

— Pode ser que eu chegue tarde. Então durma bem. — Minha mãe se inclinou para beijar o topo da minha cabeça. — Está tudo certo, não está? Entre nós duas?

Ela me deu tapinhas carinhosos, sorrindo tanto que seu rosto parecia rachar e revelar toda a dimensão de sua necessidade. Parte de mim de fato se sentia bem, ou eu estava confundindo familiaridade com felicidade. Porque isso estava presente mesmo quando o amor não estava — a rede da família, a pureza do hábito e do lar.

Era tão insondável o tempo que você passava em casa, e talvez fosse mesmo o melhor ao seu alcance — aquela sensação de enclausuramento interminável, como procurar a ponta da fita adesiva mas nunca conseguir encontrá-la. Não havia cortes ou interrupções — só os marcos da sua vida que tinham sido absorvidos por você a tal ponto que nem era mais possível reconhecê-los. O prato rachado com padrão de folhas de salgueiro, que eu preferia por razões que não lembro. O papel de parede do corredor, tão conhecido meu de um jeito que chegava a ser incomunicável para qualquer outra pessoa — cada bosque de palmeiras desbotado em tom pastel, as personalidades distintas que eu atribuía a cada hibisco florescendo.

Minha mãe parou de impor horários regulares para as refeições, deixando uvas num escorredor na pia ou trazendo para casa sopa de missô com aneto em potes de vidro de suas aulas de culinária macrobiótica. Saladas de algas pingando um óleo nauseante de cor âmbar.

— Coma isso todo dia no café da manhã — dizia ela — e nunca mais vai ter uma espinha.

Eu me afastava, tirando rapidamente os dedos da espinha na minha testa.

Houve muitas sessões de planejamento noite adentro entre minha mãe e Sal, a mulher mais velha que ela conhecera no grupo. Sal estava eternamente disponível para minha mãe, vindo nos visitar nos horários mais incomuns, ávida por drama. Usava túnicas com gola mandarim, os cabelos grisalhos bem curtos deixando as orelhas à mostra, o que lhe dava a aparência de um menino idoso. Minha mãe conversava com Sal sobre acupuntura, o deslocamento das energias pelos meridianos do corpo. Os diagramas.

— Eu só quero mais espaço para mim — disse minha mãe. — Esse mundo deixa a gente exausto, não é?

Sal mudou de posição, movendo a ampla retaguarda, e assentiu. Fiel como um cavalo com as rédeas a postos.

Minha mãe e Sal estavam tomando seu chá amadeirado em tigelas, uma nova afetação que minha mãe tinha adotado.

— É a moda europeia — declarou, na defensiva, embora eu não tivesse falado nada.

Quando entrei na cozinha, as duas pararam de conversar, mas minha mãe inclinou a cabeça.

— Querida — disse, fazendo um gesto para eu me aproximar. Semicerrou os olhos. — Reparta sua franja para o lado direito. Fica melhor.

Eu tinha penteado o cabelo daquele jeito para cobrir a espinha, que de tanto eu cutucar tinha criado uma casquinha. Eu a tinha coberto com óleo de vitamina E, mas não conseguia parar de mexer nela, usando pedaços de papel higiênico para absorver o sangue.

Sal concordou.

— Rosto redondo — disse com autoridade. — Talvez franjas não sejam uma ideia nada boa para ela.

Eu imaginei como seria a sensação de derrubar Sal da cadeira, como o peso dela a faria desabar num instante. O chá de casca de árvore derramado pelo piso de linóleo.

As duas logo perderam o interesse em mim. Minha mãe recontou sua história familiar, como a sobrevivente em choque de um acidente de carro. Baixando os ombros como se para se acomodar ainda mais no sofrimento.

— E a parte mais hilária — prosseguiu minha mãe —, a parte que realmente mexe comigo? — Sorriu para as próprias mãos. — Carl está ganhando dinheiro — disse ela. — Com aquele negócio de câmbio lá. — Riu de novo. — Finalmente. Deu mesmo certo. Mas era o meu dinheiro que pagava o salário dela — afirmou. — O dinheiro que a minha mãe ganhou com os filmes. Gasto com aquela garota.

* * *

"Olhei naquela direção por causa das risadas, e continuei olhando por causa das garotas. Primeiro reparei nos cabelos, longos e despenteados. Depois nas bijuterias que usavam, brilhando ao sol. As três estavam tão longe que só consegui distinguir o contorno de seus traços, mas não me importei com isso — sabia que eram diferentes de todas as outras pessoas no parque. Aquelas garotas de cabelo comprido pareciam pairar acima de tudo o que acontecia à volta delas, trágicas e distantes... como tubarões irrompendo na superfície do mar."

"A estreia de Emma Cline reverbera com uma prosa surpreendente, brilhante e repleta de vitalidade. *As garotas* marca a chegada de uma nova voz impressionante à ficção literária americana."

—JENNIFER EGAN
AUTORA DE *A VISITA CRUEL DO TEMPO*

"Emma Cline tem um olhar inigualável diante das complexidades da juventude feminina, transformando o mito em algo bem mais pessoal. Ela nos lembra que por trás de muitas fábulas de nossa cultura existe uma garota: despercebida, sem voz, furiosa. Um livro arrebatador."

—LENA DUNHAM
CRIADORA DA SÉRIE *GIRLS*

ISBN 978-85-510-0135-6
9 788551 001356
www.intrinseca.com.br